

Em Busca de um Equilíbrio entre a Saúde Pública e as Medidas Sociais em Moçambique

Este relatório descreve os resultados de uma sondagem telefónica efectuada em Setembro de 2021 com 1390 pessoas, bem como outros dados epidemiológicos e secundários locais. A sondagem foi aprovada pelo Comité Nacional de Bioética para a Saúde, Ministério da Saúde de Moçambique, com o fim de examinar experiências e respostas a medidas sociais e de saúde pública (MSSP) para a prevenção da transmissão da COVID-19. Este é o quarto relatório da PERC desde o início da pandemia (consultar o [primeiro](#), [segundo](#) e [terceiro](#) relatórios).

Quais são os destaques deste relatório?

Sensibilização Situacional

Moçambique registou o maior surto de casos de COVID-19 em Julho de 2021, o qual diminuiu em Setembro para 200 casos novos registados por dia — principalmente nas províncias do Norte. Em Agosto de 2021 o governo começou a atenuar as restrições e a reabrir as escolas. Durante toda a pandemia continuaram a ocorrer episódios de violência na província de Cabo Delgado, provocando uma insegurança alimentar generalizada e aumentando ainda mais a pobreza da população.

Apoio às medidas sociais e de saúde pública e adesão autorreferida

Os níveis de apoio e adesão autorreferida a todas as medidas de protecção mantiveram-se elevados, embora tivessem diminuído desde a sondagem de Agosto de 2020. Este declínio da adesão autorreferida reflecte talvez a atenuação, em Agosto de 2021, das restrições impostas pelo governo.

Percepção da informação e do risco

Os níveis dos indicadores da percepção de riscos pessoais foram mais elevados do que os de outros Estados Membros da União Africana (UA) também entrevistados. Quase oito em cada dez entrevistados declararam estar satisfeitos com a resposta do governo à COVID-19, e nove em cada dez declararam confiar na maneira como as instituições de saúde e do governo geriam a COVID-19.

Crenças e Aceitação da Vacina

Quase todos os entrevistados (92%) tinham sido ou iam provavelmente ser vacinados — um aumento em comparação com 75% dos indivíduos entrevistados na sondagem de Fevereiro de 2021. As principais necessidades de informação salientadas pelos entrevistados incluíam a eficácia e segurança da vacina.

Encargos secundários

A população de Moçambique continua a sofrer dificuldades económicas generalizadas e perturbações no acesso a cuidados de saúde. Dois em cada três entrevistados sofreram uma perda de rendimentos durante a pandemia. As perturbações que tiveram lugar nos estabelecimentos de saúde constituíram a razão principal pela qual as famílias não tinham recebido cuidados de saúde necessários nos seis meses anteriores.

Instantâneo dos Dados Nacionais da COVID-19 a 3 de Outubro de 2021

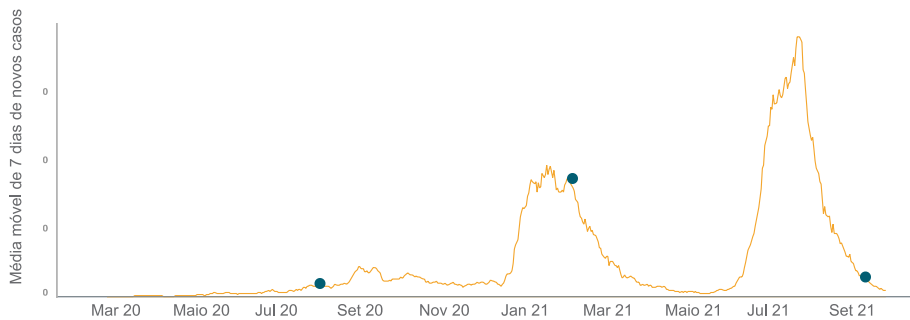
Taxa de vacinação	6%
<small>Percentagem da população que recebeu pelo menos uma dose de uma vacina contra a COVID-19</small>	
Número de doses no país	3,943,600
Taxa de incidência acumulada por 100,000 pessoas	482
Número total de casos registados	150,804
Número total de óbitos confirmados causados pela COVID-19	1,918
<small>Fonte de Dados: Centros Africanos de Prevenção e Controlo das Doenças</small>	

O apoio às medidas adoptadas em resposta à COVID-19, a probabilidade de ser vacinado, a percepção dos riscos e a satisfação com a resposta do governo continuam elevadas, mas a perda de rendimentos continua a ser generalizada.

	Ago 2020	Fev 2021	Set 2021
Apoio para ficar em casa	88%	→ 83%	↓ 75%
Percepção do risco pessoal	37%	↑ 47%	↓ 38%
Satisfação com a resposta do governo	72%	↑ 85%	↓ 78%
Vacinado/provável que seja vacinado	*	75%	↑ 92%
Perda de rendimento desde o início da pandemia	71%	↓ 61%	→ 65%

* Não havia vacinas na altura da sondagem

As mudanças de +/- 5% nas percentagens estão indicadas com uma seta ↑ para cima ou ↓ para baixo



Qual é o contexto situacional que influencia a resposta à COVID-19?

Observação: É pouco provável que as pessoas mais afectadas pelo constante conflito em Cabo Delgado tenham sido incluídas na amostra de sondagem. Em comparação com a sondagem feita em Fevereiro de 2021, uma percentagem mais elevada de entrevistados afirmou que pertencia à categoria de rendimento mais baixo dos agregados familiares (comparar 64% em Setembro com 33% em Fevereiro), o que, com o tempo, poderá afectar as tendências das medidas da sondagem.

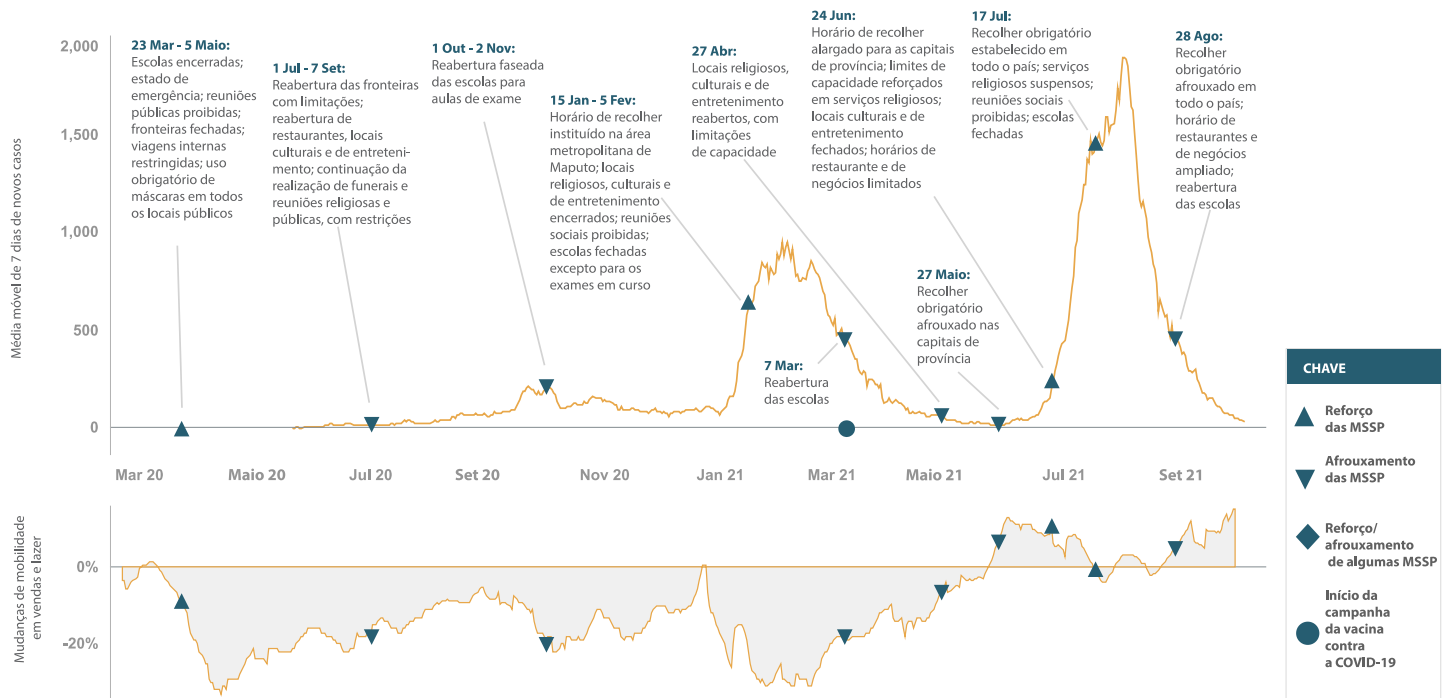
O número de casos novos registados e de mortes causadas pela COVID-19 aumentou drasticamente em Moçambique em fins de Junho de 2021, alcançando um ponto máximo de quase 1900 casos novos registados por dia até 31 de Julho — mais do dobro dos números registados durante o pico de Fevereiro de 2021. Durante três meses a mobilidade aumentou continuamente, e a variante Delta — [detectada pela primeira vez no país a 21 de Junho de 2021](#) — pode ter contribuído para o surto. Em resposta, a 17 de Julho o governo implementou restrições rigorosas, incluindo um recolher obrigatório em todo o país. Seis semanas depois, no contexto de um rápido decréscimo do número de casos recentemente registados e de poucas mudanças em termos de mobilidade, as restrições foram relaxadas, reabrindo-se as escolas a 28 de Agosto. A 25 de Setembro reduziram-se ainda mais as restrições, incluindo a reabertura de locais culturais e de entretenimento. Porém, a 6 de Outubro o governo voltou a [fechar 18 praias populares](#), explicando que as grandes concentrações de pessoas poderiam tornar-se grandes focos de infecção.

Por altura deste inquérito, em meados de Setembro, o país registava em média menos de 200 casos novos por dia. Em Setembro, o nível de testes positivos manteve-se à volta de 5%, a seguir a um declínio dramático em Julho e princípios de Agosto, e nessa altura registaram-se taxas de positividade de mais de 30% (o que sugere que muitos casos e mortes não tinham sido detectados).

[Moçambique começou a administrar vacinas contra a COVID-19 a 8 de Março de 2021](#). A partir de Junho, um [aumento de financiamento dos doadores](#) ajudou a aumentar a disponibilização de vacinas e a velocidade de vacinação aumentou rapidamente em Agosto. A 22 de Setembro já Moçambique tinha administrado [3,6 milhões de doses](#) das vacinas Sinopharm, AstraZeneca e Johnson & Johnson a populações prioritárias, incluindo trabalhadores de saúde, adultos de mais de 50 anos de idade em zonas urbanas e professores, sendo que 6% da população recebeu pelo menos uma dose.

Durante a pandemia, continuou a violência na província de Cabo Delgado, onde o conflito criou [mais de 850.000 deslocados](#). Muitos [estabelecimentos do governo permaneceram fechados na província, incluindo o hospital](#) de Palma. Calcula-se que cerca de um quarto de milhão de pessoas estejam a enfrentar níveis graves de insegurança alimentar, sendo que grupos humanitários têm assinalado a escassez de habitações e de água potável. Estas condições podem contribuir para a propagação da COVID-19; em meados de Setembro [a maioria dos casos novos registava-se nas províncias do norte](#).

É provável que o aumento da mobilidade e a variante Delta tenham contribuído para o aumento de casos de COVID-19 em Julho.



As pessoas apoiam e adoptam as medidas?

O que nos dizem os dados

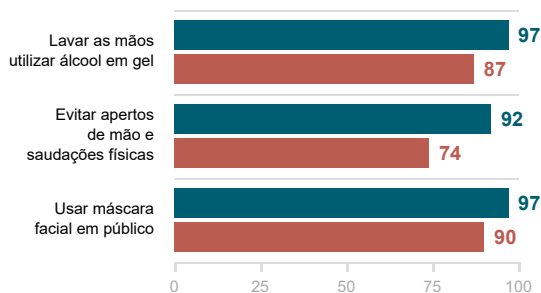
Os níveis de apoio e adesão autorreferida às medidas de prevenção da transmissão da COVID-19 em Moçambique eram elevados — pelo menos sete em cada dez entrevistados apoiavam todos os tipos de medidas, e pelo menos cinco em cada dez referiram uma adesão autorreferida.

- O apoio e adesão autorreferida às restrições a reuniões sociais e à circulação diminuíram cerca de 10 pontos percentuais em comparação com a sondagem de Fevereiro de 2021. O decréscimo da adesão autorreferida pode ser devido ao facto de o governo ter afrouxado estes tipos de restrições em Agosto de 2021, durante uma rápida diminuição da incidência de casos registados de COVID-19.
- Apesar disso, o nível de apoio às restrições a reuniões sociais e à circulação manteve-se mais elevado do que noutros Estados Membros sondados na região Sul (75% vs. 68% e 71% vs. 64%, respectivamente). Os níveis de adesão autorreferida a estas medidas também eram superiores aos das médias regionais no Sul (62% vs. 48% no caso das reuniões sociais e 43% vs. 38% no da circulação).
- Não se verificaram diferenças significativas entre os grupos sociodemográficos no que se refere ao apoio e adesão autorreferida às MSSP.

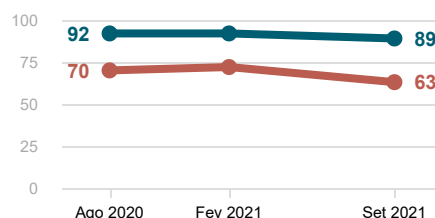
Medidas Individuais

Em geral, o apoio às medidas individuais manteve-se elevado. A adesão autorreferida à lavagem das mãos e uso de máscaras permaneceu elevada, mas menos entrevistados evitaram saudações físicas.

Percentagem que **apoiava** e **aderia** a cada medida pessoal em Set 2021



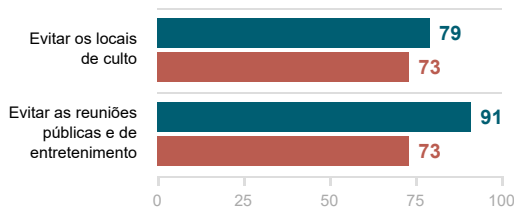
Tendência da percentagem que **apoia** e **adere** a todas as medidas pessoais (pontuação composta)



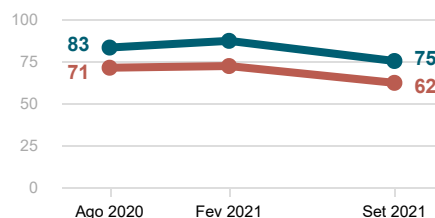
Medidas que limitam os encontros sociais

As pessoas que indicaram confiar no modo como o presidente geriu a COVID-19 apoiaram as restrições sobre as reuniões sociais e indicaram ter aderido às mesmas, a uma taxa mais elevada do que as que expressaram menos confiança (76% vs. 68% e 64% vs. 53%, respectivamente).

Percentagem que **apoiava** e **aderia** a cada medida social em Set 2021



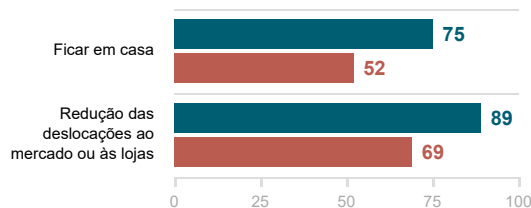
Tendência da percentagem que **apoia** e **adere** a todas as medidas sociais (pontuação composta)



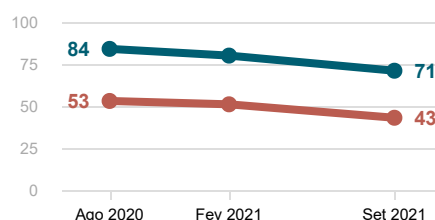
Medidas que restringem a circulação

As pessoas que indicaram confiar no modo como o presidente geriu a COVID-19 também apoiaram as restrições às deslocações e indicaram ter aderido às mesmas a uma taxa mais elevada do que as que expressaram menos confiança (74% vs. 56% e 46% vs. 32%, respectivamente).

Percentagem que **apoiava** e **aderia** a cada medida de circulação em Set 2021



Tendência da percentagem que **apoia** e **adere** a todas as medidas de circulação (pontuação composta)



Como é que as pessoas compreendem o risco?

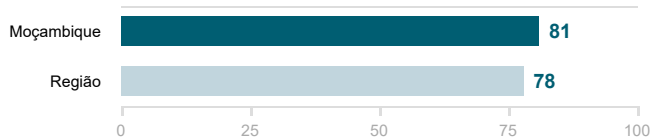
O que nos dizem os dados

Em Moçambique as pessoas continuam a levar a COVID-19 a sério. Os entrevistados indicaram ter uma percepção elevada do risco da COVID-19 em todos os indicadores, o que está de acordo com as sondagens anteriores. A percentagem de entrevistados que acreditavam correr um risco elevado ou muito elevado de contrair a COVID-19 (38%) foi a segunda maior percentagem de todos os Estados Membros sondados (a seguir à África do Sul, com 43%), e a percentagem dos que acreditavam que a sua saúde seria gravemente afectada caso fossem infectados (74%) foi a mais elevada de todos os Estados Membros sondados (uma média de 46%).

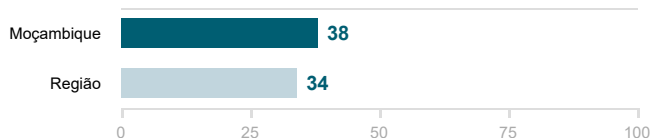
- Contudo, a percepção de risco pessoal diminuiu cerca de 10 pontos percentuais em comparação com a sondagem de Fevereiro de 2021, apesar do surto de casos de COVID-19 registados em Julho de 2021. Anteriormente, as percepções de risco pessoal tinham aumentado em paralelo com um aumento de casos relatados na sondagem de Fevereiro de 2021.
- As percepções de risco não diferiram significativamente entre os grupos sociodemográficos. No entanto, uma percentagem maior de pessoas que tinham sido ou iam provavelmente ser vacinadas acreditava correr um alto risco de infecção e doença grave em relação às pessoas que declararam que provavelmente não iam ser vacinadas (40% vs. 24% e 75% vs. 63%, respectivamente). Estes números devem ser interpretados com cuidado, pois menos de 100 entrevistados declararam que não iriam provavelmente ser vacinados.
- De acordo com os relatos da percepção de alto risco, a pandemia da COVID-19 causou grande preocupação a cerca de metade dos indivíduos entrevistados, e mais de oito em cada dez deles declararam estar ansiosos por retomar as actividades normais.
- Apesar disso, o acesso a rendimentos, o trabalho e o desemprego causaram a preocupação comunicada com mais frequência em geral e em todos os grupos sociodemográficos. Moçambique é um dos [10 países mais pobres](#) do mundo, e a pandemia causou maior pobreza a cerca de [um milhão](#) de pessoas devido à perda de rendimentos e empregos, incluindo restrições à [migração em busca de oportunidades de trabalho](#) na África do Sul.

Como é que as pessoas compreendem o risco da COVID-19?

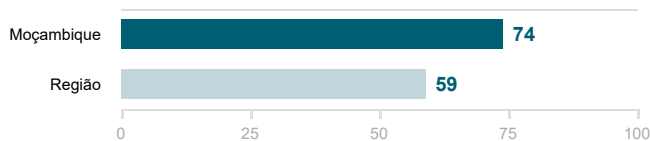
81% acreditam que a COVID-19 vai afectar muita gente no seu país.



38% acreditam que correm um risco pessoal elevado de contrair a COVID-19.

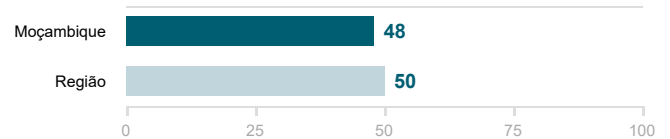


74% acreditam que a COVID-19 afectaria gravemente a sua saúde.

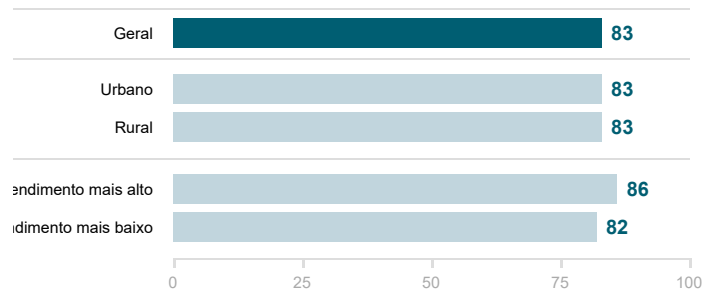


Até que ponto é que as pessoas se preocupam com a COVID-19?

48% declararam que a COVID-19 é uma das suas maiores preocupações



83% o restabelecimento das actividades normais causa-lhes ansiedade.



As questões que mais preocupam as pessoas

Percentagem de pessoas que declararam estar preocupadas com determinada questão

Acesso a renda / trabalho / desemprego	55%
a pandemia COVID-19	48%
Educação	18%

Em quem é que as pessoas confiam?

O que nos dizem os dados

Quase quatro em cada cinco entrevistados em Moçambique declararam estar satisfeitos com a resposta do governo à COVID-19, a par da média regional do Sul. O Ministério da Saúde, a Organização Mundial da Saúde e as instituições médicas responsáveis pela gestão da resposta à COVID-19 foram alvo dos mais altos níveis de confiança.

- Cerca de oito em cada dez entrevistados confiavam no presidente, nas instituições religiosas e na forma como os meios de comunicação social abordaram a pandemia; estas instituições podem vir a desempenhar um papel importante na promoção da adesão às MSSP.

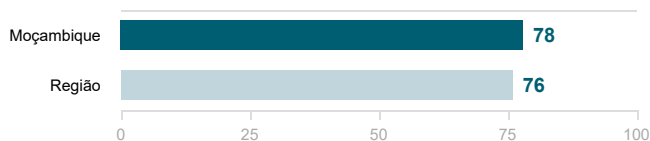
Em termos de fontes de informação, os entrevistados declararam que as estações locais de rádio e televisão eram altamente fiáveis e constituíam normalmente a sua fonte de informações sobre a COVID-19 — cerca de oito em cada dez entrevistados recorria normalmente à televisão local, e quatro em cada dez à rádio local, para ter informações sobre a COVID-19.

- Em contrapartida, apenas cerca de três em cada dez entrevistados confiavam nas plataformas das redes sociais - WhatsApp (35%), Facebook (29%) e Twitter (28%). Todavia, Facebook e WhatsApp constituíam também, respectivamente, a terceira e quinta fontes de informação utilizadas com mais frequência. Entre os entrevistados dos 18 aos 25 anos de idade, os que residiam em zonas urbanas e os que tinham ido além do ensino secundário, mais de um em cada três consultava normalmente Facebook para obter informações sobre a COVID-19.

O que é que as pessoas pensam sobre as instituições nacionais?

Os níveis de satisfação com a resposta do governo eram inferiores aos da sondagem de Fevereiro de 2021, altura em que 85% declararam estar satisfeitos. Um factor que pode ter contribuído potencialmente para tal são as [alegações de desvios ilícitos dos fundos da resposta à COVID-19](#). Os níveis de satisfação com a resposta e confiança nas instituições foram semelhantes em todos os grupos sociodemográficos.

78% estão satisfeitas com a resposta do governo à pandemia



Os tres indivíduos que suscitam mais confiança

Percentagem de pessoas que declararam confiar na abordagem de cada pessoa ou instituição à pandemia

Ministério da Saúde	91%
Organização Mundial da Saúde	90%
Associações de profissionais de saúde	89%

As pessoas acreditam que as informações são exactas?

Embora os entrevistados compreendessem, de uma maneira geral, informações precisas sobre a COVID-19 em Moçambique, os níveis de estigmatização dos profissionais de saúde e das pessoas que tinham já contraído a COVID-19 eram dos mais elevados na região sul. As percepções erróneas sobre os riscos representados pelos profissionais de saúde eram mais prevalentes nas pessoas que não tinham completado o ensino secundário (63% vs. 43% dos que tinham o diploma do ensino pós-secundário). Os decisores políticos devem continuar a esforçar-se por utilizar a televisão e rádio locais — fontes de informação altamente fiáveis e muito utilizadas — para ajudar a dissipar mitos e promover informações precisas sobre a saúde.

Fontes de informação em que mais confiam

Percentagem de pessoas que declararam confiar em fontes de informação sobre a COVID-19

Centro de saúde / Trabalhador de saúde	83%
televisão local	83%
rádio local	82%

88% compreendem que as pessoas infectadas podem nunca apresentar sintomas, mas infectar mesmo assim os outros.

77% compreendem que as pessoas infectadas podem não apresentar sintomas durante cinco a catorze dias.

42% acreditam que se pode curar a COVID-19 com ervas medicinais.

56% pensam que deviam evitar os trabalhadores de saúde porque podem contrair deles a COVID-19.

As pessoas querem ser vacinadas contra a COVID-19?

O objectivo das perguntas desta sondagem é descrever o mercado existente para utilização da vacina COVID-19 e visam as populações-alvo para campanhas de informação. Apresentamos portanto as pessoas que declararam que foram ou vão provavelmente ser vacinadas, e as que não vão provavelmente ser vacinadas. A sondagem não procura validar a cobertura da vacina COVID-19.

O que nos dizem os dados

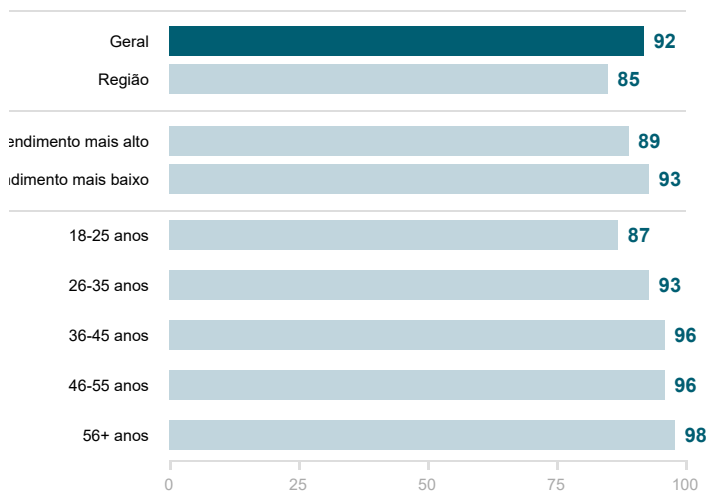
Cerca de nove em cada dez entrevistados declararam que ou tinham sido ou iam provavelmente ser vacinados contra a COVID-19 — mais do que a média regional da região sul (84%) e do que a média indicada na sondagem de Fevereiro de 2021 (75%), antes de haver vacinas em Moçambique.

- Uma percentagem menor de adultos dos 18 aos 25 anos de idade já tinha sido ou ia provavelmente ser vacinada contra a COVID-19. Nem todos os adultos de 18 ou mais anos de idade são ainda elegíveis para vacinação em Moçambique; o alcance específico poderá ser apropriado, uma vez que as vacinas se tornem mais disponíveis.
- Os entrevistados declararam necessitar de mais informação sobre a segurança e eficácia das vacinas, informação essa que poderia ser comunicada através dos trabalhadores de saúde e da rádio e televisão locais — as fontes de informação que os entrevistados consideraram mais fiáveis. As mensagens devem abranger as três vacinas utilizadas em Moçambique, pois cada uma delas funciona de modo diferente e tem efeitos secundários diferentes.

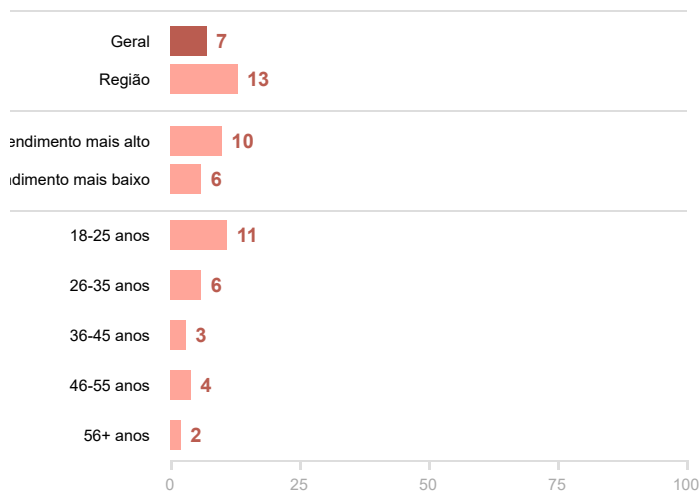
Quantas pessoas declararam ter sido ou planearem vir a ser vacinadas contra a COVID-19?

Menos de 5% dos entrevistados declararam não saberem ao certo se iam ou não utilizar a vacina COVID-19 e não foram, portanto, incluídos. As percentagens indicadas referem-se à totalidade da amostra.

92% foram ou vão provavelmente ser vacinadas



7% não vão provavelmente ser vacinadas



O que é que as pessoas pensam sobre as vacinas?

Principais informações solicitadas sobre as vacinas

Percentagem de pessoas que indicaram cada tipo de informação

É eficaz/posso voltar a ter uma vida normal depois de ser vacinado/a?	31%
Até que ponto é segura?	21%
O que está dentro da vacina/como é que ela é fabricada? Como é que funciona?	20%

Razões principais pelas quais as pessoas se recusariam a ser vacinadas

As razões das pessoas que declararam não querer ser vacinadas foram:

Não tenho suficientes conhecimentos sobre a vacina para tomar uma decisão	16%
Falta de confiança, p. ex. na vacina, no governo	14%
Não sinto que estou em risco de apanhar o vírus	12%

As pessoas andam a omitir ou adiar consultas de saúde?

O que nos dizem os dados

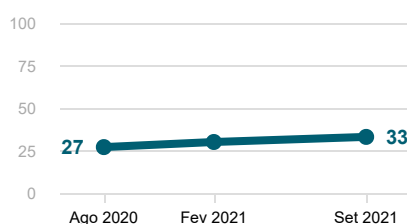
Entre os entrevistados que declararam que eles ou outro membro do seu agregado familiar necessitava de cuidados de saúde, quase um terço declarou ter omitido ou adiado a utilização dos serviços nos seis meses anteriores. Uma percentagem comparável declarou que, nos três meses anteriores, tinha tido dificuldades de acesso a medicamentos essenciais.

- As perturbações que ocorreram nos estabelecimentos de saúde constituíram a razão mais comum da falta às consultas. Em certas regiões, incluindo a Província de [Maputo](#), o surto de COVID-19 em Julho de 2021 sobrecarregou a capacidade dos serviços de saúde. Além disso, nas zonas de conflito da província de Cabo Delgado, [até 80% dos estabelecimentos de saúde não estão a funcionar](#), enquanto que noutras zonas da província os estabelecimentos estão sobrecarregados devido a um aumento da procura e a uma falta de pessoal e de aprovisionamentos.
- Cerca de um em cada seis dos entrevistados que declararam ter faltado a consultas de saúde nos seis meses anteriores (16%) tinha faltado a uma consulta de saúde reprodutiva, materna, para recém-nascidos ou para crianças — uma percentagem menor do que a que se registou na sondagem de Fevereiro de 2021 (27%). As constantes interrupções dos cuidados de saúde infantil constituem um problema, porque Moçambique é um dos países onde se verificou o [maior aumento de crianças não vacinadas](#) em 2020 e, em comparação com 2019, o número de crianças que não recebeu a primeira dose de vacinas contra a difteria-tétano-tosse convulsa aumentou quase para o dobro.

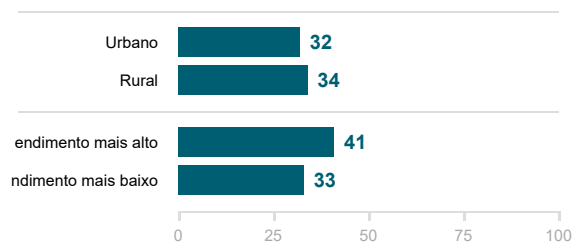
Dificuldade em obter medicamentos

Fora os entrevistados com mais rendimentos, uma maior percentagem dos agregados familiares que tinham perdido todos os seus rendimentos durante a pandemia (58%) e das pessoas com doenças de longa data (39%) declararam ter dificuldade em obter os medicamentos necessários.

Alteração na percentagem dos agregados familiares que têm dificuldade em obter medicamentos



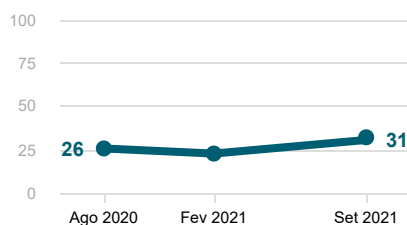
Percentagem dos agregados familiares que têm dificuldade em obter medicamentos



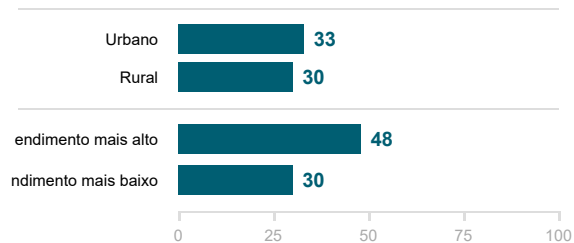
Omissão ou adiamento de consultas de saúde

A percentagem de agregados familiares que faltou a consultas necessárias foi mais elevada do que nas sondagens anteriores, ao contrário da tendência verificada em outros Estados Membros da região sul. As novas MSSP e o facto de se ter excedido a capacidade dos serviços de saúde durante o surto de Julho de 2021 podem ter contribuído para este aumento.

Tendência da percentagem de agregados familiares que têm dificuldade em obter medicamentos



Percentagem dos agregados familiares que faltam ou vão atrasados a consultas de cuidados de saúde



Omissão ou adiamento de consultas de saúde

As pessoas podiam seleccionar múltiplas respostas

Distúrbios no estabelecimento de saúde	37%
Restrições à mobilidade/problemas de transporte	13%
Custo/acessibilidade	13%
Responsabilidades do prestador de cuidados	5%
Receio de contrair a COVID-19	3%

Omissão ou adiamento de consultas de saúde

As pessoas podem seleccionar múltiplas respostas

Consulta geral/exame de rotina	22%
Serviços de diagnóstico/sintomas	18%
Saúde reprodutiva, materna e infantil	16%
Doença transmissível	14%
Doença não transmissível	14%

As pessoas andam a ter falta de rendimentos ou a sofrer insegurança alimentar?

O que nos dizem os dados

As dificuldades económicas em Moçambique são graves e generalizadas. Cerca de dois-terços dos entrevistados indicaram que os seus rendimentos tinham diminuído durante a pandemia. Dos agregados familiares cujos rendimentos tinham diminuído, mais de quatro em cada dez (44%) referiram ter sofrido uma "grande" redução nos rendimentos, ou ter perdido todos os rendimentos. Seis em cada dez agregados familiares tinham-se visto obrigados a limitar as suas refeições ou o tamanho das quantidades de alimentos consumidas na semana anterior, sendo os principais obstáculos ao acesso a alimentos o aumento dos preços dos mesmos e a falta de rendimentos. [De Fevereiro de 2020 a Julho de 2021 os preços dos alimentos aumentaram 38% em Moçambique.](#)

- A percentagem de entrevistados que referiram ter omitido uma refeição nos sete dias anteriores foi quase duas vezes maior no grupo que tinha perdido todos os rendimentos (86% vs. 46% no grupo que não tinha perdido rendimentos).
- Em comparação com a sondagem de Fevereiro de 2021, mais entrevistados referiram que as restrições à mobilidade (61% vs. 51%) e o encerramento dos mercados (63% vs. 52%) tinham dificultado o seu acesso a alimentos, o que pode reflectir as restrições impostas pelo governo aos [horários de funcionamento](#) como parte da sua resposta à COVID-19.
- A pandemia tem também exacerbado os efeitos económicos de outras crises. Quase [um milhão de pessoas](#) em Cabo Delgado e províncias adjacentes enfrentam presentemente a insegurança alimentar ([IPC Fase 3](#) a nível de crise ou superior) devido, em parte, às perturbações causadas pelo conflito aos mercados e à agricultura. Calcula-se que a insegurança alimentar se agrave também nas regiões centro e sul do país, e que a [estação de escassez](#) tenha início em Outubro de 2021.
- Um em cada 10 agregados familiares referiu ter recebido alguma ajuda adicional do governo no mês anterior, um aumento de 1% dos agregados em relação à sondagem de Fevereiro de 2021 — ao contrário da tendência verificada em outros Estados Membros da região sul. Porém os meios de comunicação social noticiaram que tinha havido [protestos](#) apelando para uma distribuição mais rápida e transparente da assistência governamental.

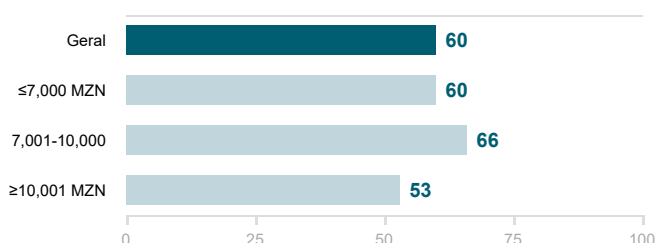
De agregados familiares comunicaram que tiveram de reduzir o número de refeições ou o tamanho das porções na semana passada.

Obstáculos mencionados no acesso a alimentos

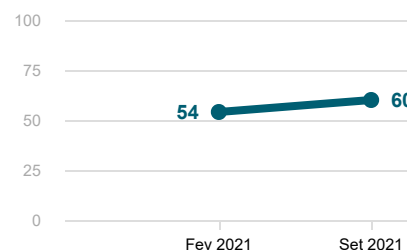
Menos rendimentos	74%
Aumento dos preços dos alimentos	78%
Encerramento dos mercados de alimentos	63%
Restrições à mobilidade	61%
Falta de abastecimento aos mercados de alimentos	60%

Falta de refeições

Percentagem de agregados familiares que **sofrem perdas de refeições** por categoria



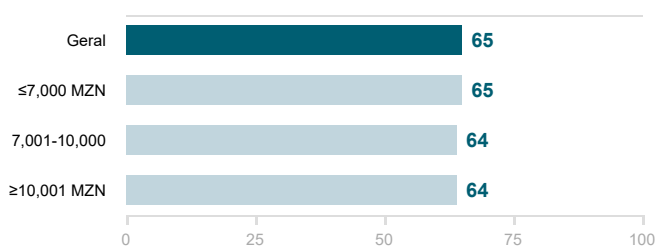
Percentagem de agregados familiares que vai **sofrendo perdas de refeições** com o tempo



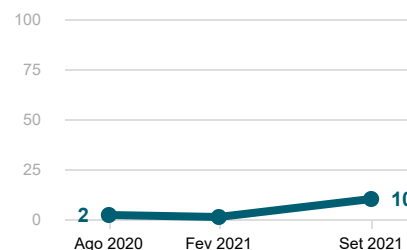
Observação: os dados sobre refeições omitidas não foram recolhidos em Agosto de 2020

Perda de rendimentos e necessidade de assistência governamental

Percentagem de agregados familiares que **sofrem perdas de rendimentos** por categoria



Percentagem de agregados familiares que foram recebendo **assistência governamental** com o tempo



Notas finais

Notas do relatório

Efectuaram-se comparações entre as regiões de acordo com as seguintes categorias: África Oriental (Etiópia, Quênia, Uganda, Sudão); África Ocidental (Gana, Nigéria, Libéria, Guiné-Conacri, Senegal, Costa do Marfim); Norte de África (Tunísia, Marrocos, Egipto); África Central (Camarões, República Democrática do Congo); e África Austral (Moçambique, África do Sul, Zâmbia, Zimbabwe).

As curvas epidemiológicas apresentadas nas páginas um e dois do relatório apresentam a média móvel de 7 dias de casos novos, de Março de 2020 a Outubro de 2021. Nos casos em que faltam dados epidemiológicos ou de mobilidade, estes dados não estão disponíveis.

Os resultados completos da sondagem encontram-se registados aqui e no painel da PERC na Internet. Para obter informações completas sobre as fontes de dados, métodos e limitações, consultar preventepidemics.org/perc.

- A Ipsos levou a cabo uma sondagem telefónica de uma amostra com representatividade nacional de agregados familiares com acesso a uma linha telefónica fixa ou móvel. Os resultados devem ser interpretados com cuidado, uma vez que não representam as populações sem acesso a telefones. As percentagens registadas nos gráficos da Ipsos podem diferir das percentagens registadas em outros produtos da PERC, bem como na comunicação destes dados. Podem reconciliar-se essas diferenças através de uma investigação do denominador e/ou ponderadores utilizados.
- Os Centros Africanos de Controlo e Prevenção das Doenças (Africa CDC) disponibilizam diariamente dados epidemiológicos aos Estados Membros da União Africana (UA). Os Africa CDC recebem dados sobre os casos, mortes e testes que ocorrem em cada um dos Estados Membros da UA. Como nem todos os Estados Membros da AU comunicam diariamente, os valores totais podem estar atrasados, particularmente no que se refere aos dados de testes que são mais frequentemente comunicados com atraso ou em grupos periódicos (por exemplo, semanalmente).
- Outros dados foram extraídos de fontes que estão disponíveis ao público.

Os resultados reflectem as informações mais recentemente disponibilizadas pelas fontes indicadas na data da análise, e podem não reflectir desenvolvimentos mais recentes ou dados de outras fontes. A exaustividade, representatividade e actualidade dos dados é variável.

Notas do país

As classificações dos rendimentos basearam-se em dados existentes sobre as distribuições locais de rendimentos, dados esses que foram utilizados para criar três faixas de rendimentos, a saber:

- Rendimento mais baixo: Rendimento mensal do agregado familiar: 7.000 MZN ou menos
- Rendimento médio: Rendimento mensal do agregado familiar: 7.001 MZN - 10.000 MZN
- Rendimento mais alto: Rendimento mensal do agregado familiar: 10.001 MZN ou mais

